

[Introdução]

Bem-vindas e bem-vindos ao *Cultura Circular em Conversa*, uma série de entrevistas em áudio para explorar arte, cultura, ecologia e mudanças climáticas, produzida pela Julie's Bicycle com o apoio do British Council. Chegamos à nossa última entrevista. Começamos com uma breve introdução ao projeto por María García Holley e Graciela Melitsko-Thornton. Em seguida, Paola Moreira Blasi conversa com Yociel Marrero Báez, um dos organizadores do *Festival Internacional de Medio Ambiente de Cine del Caribe*, que acontece em Isla Verde, em Cuba.

[María]

Bem-vindas e bem-vindos ao *Cultura Circular em Conversa*. Sou María García Holley, diretora de Artes e Cultura do British Council para as Américas e o Caribe. O *Cultura Circular* surgiu em um contexto pós-pandemia, quando os festivais buscavam recuperar sua vitalidade após a pausa global, enfrentando ao mesmo tempo o desafio inadiável das mudanças climáticas.

Neste podcast, exploramos as experiências, os desafios e as inspirações de quem está transformando o setor cultural. Venha com a gente nessa jornada.

[Graciela]

E eu sou Graciela Melitsko-Thornton, da Julie's Bicycle em Londres, uma organização sem fins lucrativos que atua para mobilizar os setores de arte e cultura em torno das crises do clima, da natureza e da justiça.

No *Cultura Circular*, nosso papel é desenvolver atividades de formação, mentorias e colaborações em rede para apoiar os festivais em suas ações ambientais. Convidamos você a ouvir este episódio. Muito obrigada.

[Paola]

Olá, tudo bem? Eu sou a Paola e dou as boas-vindas a um novo episódio do *Cultura Circular em Conversa*. Hoje estou acompanhada por Yociel, direto de Cuba, então aproveito para dar as boas-vindas a ele também. Olá, Yociel, como vai?

[Yociel]

Muito bem, muito bem. Agradeço muito pelo convite para conversarmos um pouco e abordarmos os temas que nos são tão importantes.

[Paola]

É um prazer ter você com a gente. Muito obrigada por se somar.

[Yociel]

Obrigado a vocês, e por tudo o que estão fazendo.

[Paola]

Yociel, conta pra gente: de qual cidade vocês estão trabalhando e quais são os eixos sociais e artísticos do *Festival de Cine Isla Verde*?

[Yociel]

Exatamente. O *Festival Internacional de Cine y Medio Ambiente del Caribe Isla Verde* tem como sede a cidade de Nueva Gerona, na Isla de la Juventud, que em alguns mapas antigos ainda aparece como Isla de Pinos. Dentro da própria ilha também atuamos em povoados como Mella, La Fe e Cocodrilo, que é uma comunidade costeira maravilhosa—esse é o centro.

Mas, se você reparar, desde sua concepção o festival se chama *Festival de Cine y Medio Ambiente del Caribe*, porque trabalhamos muito a questão da insularidade e de como todas as ilhas do Caribe compartilham problemáticas, desafios e maravilhas em comum. A intenção é incentivar a produção cinematográfica a partir da apresentação e visibilização de temas ambientais, não apenas sob uma ótica (que muitas vezes é usada) catastrófica—que também tem seu lugar, claro, pois os problemas precisam ser mostrados—mas principalmente mostrando os problemas, as soluções e a alma envolvida em resolvê-los. Esse é o espírito fundador, o impulso inicial do festival, e sempre dizemos que somos um projeto em construção, e queremos seguir sendo assim para sempre.

Para responder de forma mais concreta, os cinco pilares ou a essência sobre a qual o festival foi criado são: turismo responsável, agricultura orgânica, responsabilidade socioambiental corporativa—não apenas responsabilidade social. Embora a responsabilidade ambiental já esteja incluída no conceito de responsabilidade social corporativa, preferimos destacar explicitamente a palavra “ambiental” no nome. Assim, falamos de responsabilidade socioambiental empresarial e do desenvolvimento de negócios responsáveis que, desde o início—desde o plano de negócios—já tenham esse compromisso em seu núcleo, e não como resposta posterior às tendências.

E, como eu dizia, o turismo responsável, e a educação como o caminho mais genuíno e seguro para transmitir conhecimento. Em cada edição do festival, buscamos que toda discussão conceitual ou proposta traga também ações práticas. Esse é um dos pilares: falar e fazer. Mesmo que seja algo pequeno, que tenha impacto, que nos vejam não apenas falar, mas agir. E, ao nos verem agir, todos vão querer se somar também.

[Paola]

Como você diria que o foco do festival em relação à sustentabilidade foi evoluindo? E, nesse sentido, poderia nos contar no que se baseiam os projetos atuais que vocês estão desenvolvendo?

[Yociel]

Olha, é muito interessante—e isso tem sim um componente de pesquisa social—porque estamos aprendendo fazendo. Pelo menos eu, por mais títulos acadêmicos que eu tenha (e que todos nós tenhamos), nunca deixo de aprender.

Na primeira edição do festival, tudo foi (e a comunidade e o contexto aceitaram e acolheram isso) baseado num desenho feito por nós, através das trocas com nossos parceiros e associados. Mas já no segundo festival dissemos: “Vamos cuidar para não nos tornarmos mais um grande evento,” desses que chegam a uma comunidade, trazem um monte de gente, convidam celebridades, especialistas e conhecedores (e sempre tivemos uma presença marcante de grandes cientistas ambientais no festival).

Só que percebemos que corríamos o risco de abordar apenas os problemas que interessavam *a nós*, e não necessariamente os que eram relevantes para a comunidade. Não apenas os que interessavam, mas os que eles estavam *vivendo*, os problemas que estavam enfrentando—e que o Caribe, como território insular, também enfrenta.

Então o festival foi evoluindo, de forma bastante orgânica, para começar a envolver a comunidade na concepção dos temas e das ações. Essa evolução tem sido muito boa, maravilhosa, e precisa ser aprofundada nas próximas edições. Ou seja, o festival precisa passar por um processo de escuta e de compreensão: saber o que a comunidade vive, sente, enfrenta.

Essa é uma das coisas fundamentais. E há outra, que estabelecemos desde o início e conseguimos em parte, mas ainda não no nível que desejamos: o festival não pode ser apenas uma semana por ano em que todo mundo aparece, fala, faz algo e depois vai embora.

Para nós, o principal desafio—e foi assim que Jorge Perugorría e eu concebemos desde o início—é que o festival aconteça o ano todo. A semana do festival serve apenas para recapitular, mostrar o que foi feito e o que está por vir (além das exposições de filmes e materiais audiovisuais). Mas o ano inteiro deve contar com sessões de formação, ações contínuas, encontros com diferentes setores sociais.

O desafio é, acima de tudo, financeiro e organizacional. Como ter força para fazer algo todos os meses, pelo menos? Essa é a nossa proposta: fazer *algo*. Por exemplo, ensinar como escrever projetos—porque acreditamos que para fortalecer a capacidade de ação da comunidade, é preciso ensiná-la a identificar seus próprios problemas e estruturar projetos. Mas tudo isso, fazendo enquanto se aprende.

[Paola]

Vocês realmente seguem super ativos com tudo isso! Me diz, Yociel, como vocês lidam com os desafios ambientais enfrentados pela comunidade local em particular e por Cuba em geral?

[Yociel]

Os obstáculos, os desafios... sempre giram em torno de como podemos nos organizar melhor, não tanto para sermos eficientes, mas sim eficazes. A pergunta é sempre essa: como não nos tornarmos apenas mais um festival, mais um congresso, mais uma oficina, mais um simpósio, mais uma cúpula. Queremos algo em uma escala mais humana e natural, uma troca verdadeira entre pessoas, para realmente tentar uma transformação. Mas não com grandes pretensões do tipo “vamos mudar o mundo”. Não. É sobre transformar a realidade daquela comunidade. Esse é o desafio futuro: sistematizar os processos que já desenvolvemos.

Como eu dizia, o festival sempre teve essa característica essencial: somos um evento em constante construção—sempre repensando nossos objetivos iniciais e nossas formas de agir.

Estamos sempre escutando, e operamos com uma flexibilidade que não vem apenas da cultura ou das expressões artísticas, mas também da natureza, que nos ensina a responder a qualquer fenômeno ou acontecimento da vida. Tentamos incorporar isso em nosso trabalho. Mas o desafio central continua sendo: nos organizarmos e garantir que mesmo as menores ações tenham um alto nível de eficácia.

[Paola]

Yociel, fiquei curiosa para saber que tipo de propostas inovadoras vocês estão incorporando e de que forma o programa *Cultura Circular* tem contribuído para impulsionar essas ideias.

[Yociel]

Propostas inovadoras? Eu diria que, nesse caso, quase todas são, mesmo que isso soe um pouco pretensioso. Desde o momento em que nos sentamos e dissemos: “Vamos fazer!”, a ideia já estava ali. Contávamos com Jorge Perugorría, uma figura reconhecida da cultura internacional, um cara com um coração do tamanho da lua. Mas... como faríamos?

Então, não por esnobismo ou por querer parecer originais, mas porque realmente queríamos seguir um caminho próprio, decidimos não reproduzir métodos já existentes. Não foi por vaidade—foi porque, se íamos trilhar um caminho, ele deveria ser nosso, baseado em um método próprio de aprender fazendo. Porque, se fôssemos como tantos outros projetos em nossos países, ou no próprio Caribe... sentar, desenhar, depois consultar, depois cinco consultores, três assessores, dezessete recomendadores... estaríamos ainda na página 137, sem ter feito nada.

Então, uma das primeiras propostas inovadoras foi a flexibilidade e a maneira de criar um método para a ação ambiental.

É também muito inovadora a combinação dos pilares socioambientais e socioeconômicos do festival, como mencionamos antes. Ou seja, de um lado, ensinamos a importância dos ecossistemas naturais; de outro, a importância dos mercados—não como instrumento de monopólio, mas como suporte a boas práticas. Falamos do mercado verde como apoio à conservação da natureza e da vida, não como ferramenta de exploração.

Muitas vezes, nós, ambientalistas, queremos proteger tanto os ecossistemas que esquecemos de pensar em como equilibrar isso com a produção, com a vida das comunidades. Em Cuba isso acontece muito—há ecossistemas que, por lei ou por diretrizes institucionais, devem ser mantidos totalmente intocados. Mas aí surge a pergunta: como conciliar essa preservação com a vida real, com a geração de renda, de bens e de serviços?

Essa tem sido uma das inovações: a conexão proporcional entre os temas e o alcance que isso tem em diferentes setores sociais. E o alcance não se limita às crianças, como muitas vezes acontece em iniciativas de circularidade. Por isso o projeto *Cultura Circular* tem sido tão importante—porque esse é um dos princípios fundamentais. Não se trata apenas de reaproveitar ou reciclar, mas de regenerar. Como restaurar ecossistemas por meio de ações de conservação e de educação integrada à vida cotidiana das comunidades?

O programa *Cultura Circular* está profundamente ligado a tudo isso. Nosso contato com ele foi uma das motivações para fazer o que estamos fazendo hoje, tanto na perspectiva comunitária quanto em termos mais amplos. É um entre vários programas que abordam esses temas, mas se destaca por seu foco não só no uso do que os outros descartam, mas na transformação de mentalidades—na forma como enxergamos e fazemos as coisas.

O *Cultura Circular* foi, inevitavelmente, uma fonte—não apenas de inspiração no sentido poético, mas de referência concreta. Mostrou alternativas, caminhos possíveis. E como sempre adotamos uma abordagem flexível de design e estamos abertos a incorporar experiências de outras pessoas e projetos, o *Cultura Circular* ajudou a definir pautas, métodos e inspirações para seguirmos em frente. Tem sido fundamental.

[Paola]

Antes de nos despedirmos, vamos falar também sobre as comunidades com as quais vocês estão trabalhando atualmente. Qual é o enfoque específico nesses vínculos e que aprendizados ou reflexões você destacaria da sua experiência com o público jovem?

[Yociel]

Que bom! Olha, quando falamos das comunidades, uma das primeiras coisas que a experiência nos mostra (e confirma cada vez mais) é que cada comunidade é diferente, mesmo aquelas que estão próximas entre si.

Por exemplo, na Isla de la Juventud, há uma comunidade chamada Cocodrilo, que fica bem na pontinha da ilha. O desenvolvimento das crianças ali é completamente diferente do desenvolvimento das crianças (e até dos adultos) de Nueva Gerona. Quando chegamos, foi um choque: as brincadeiras das crianças envolviam capturar aves... elas têm uma relação direta com os animais. A pesca, por exemplo, é algo natural, e muitas das brincadeiras envolvem insetos—mesmo que isso signifique sacrificá-los.

Então percebemos que não podíamos chegar como ecologistas horrorizados, porque tudo isso faz parte de uma tradição, de uma forma de interação com a natureza. Quando começamos a

interagir, a explicar sobre os fundos marinhos—que naquela região são incríveis—, as crianças começaram aos poucos a mudar sua percepção. E os adultos também passaram a repensar a forma como transmitem essas tradições.

O objetivo não é eliminar essas brincadeiras com as aves, mas sim apresentar novas opções—brincadeiras tradicionais que envolvam a natureza de maneira diferente. Também ensinamos como identificar as plantas e espécies que eles já conhecem, mas com seus nomes científicos ou nomes mais amplamente reconhecidos, além dos nomes locais. Isso ajuda a entender melhor as interações e a riqueza dos ecossistemas.

A principal lição no trabalho com as comunidades é que é preciso atuar respeitando as características específicas de cada uma. Sempre fazemos um diagnóstico prévio, mas isso é só o começo. O mais importante é que essas comunidades também nos ensinam muito—sobre suas tradições, sobre como conservar elementos naturais que eles já conhecem e valorizam.

E o grande desafio é continuar fazendo, continuar transformando, e trazer mais participantes—tanto para compartilhar suas experiências quanto para estarem abertos a conhecer as nossas também.

[Paola]

Yociel, muito obrigada por essa conversa. Foi um prazer ouvir essas experiências e conhecer melhor o trabalho que vocês realizam.

[Yociel]

O prazer foi meu. Agradeço muito ao programa *Cultura Circular* e a vocês por fazerem esse podcast e estarem sempre tentando fazer o bem. Minha mãe não gosta quando eu digo “nós, os bons” ou “tentando fazer o bem”, porque há certa relatividade nisso... mas o espanhol é uma língua tão perfeita que, sim, somos os bons e que nos deixem fazer coisas boas.

[Paola]

Tudo de bom, até a próxima.

[Yociel]

Até a próxima. Tchau, obrigado.